

ARTIGO | *PAPER*

## **A ARQUEOLOGIA IMPERIAL E AS INDÚSTRIAS LÍTICAS DE SAMBAQUIEIROS NOS DISCURSOS EVOLUCIONISTAS CULTURAIS (1820-1880)**

### ***THE IMPERIAL ARCHEOLOGY AND THE LITHIC INDUSTRIES OF SAMBAQUIS IN CULTURAL EVOLUTIONIST DISCOURSES (1820-1880)***

Arthur Braga Alves<sup>a</sup>

Maria Dulce Gaspar<sup>b</sup>

<sup>a</sup> Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>b</sup> Professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Arqueologia (PPGARq) do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## RESUMO

O artigo apresenta o histórico de pesquisas e relatos sobre sambaquis com foco nos estudos das indústrias líticas sambaqueiras, buscando entender a relação entre a prática científica e os paradigmas de cada momento histórico nesse campo específico. Nesse trabalho tratamos da disciplina no Brasil Império, estando sob a ótica do evolucionismo cultural e difusionismo dentro do paradigma histórico-cultural herdado dos estudos de pré-histórica da Inglaterra, França e Dinamarca. Consideramos que a arqueologia ao estudar os sambaquis e seus instrumentos líticos contribuiu para a ordenação e criação dos discursos e do mundo Imperial, por vezes elaborando explicações fantasiosas e discordantes sobre “passado da nação” e como os povos antigos e contemporâneos ao Império foram entendidos e representados.

## PALAVRAS-CHAVE

Sambaquis, indústrias líticas, histórico das pesquisas, século XIX.

---

## ABSTRACT

The article presents the history of research and reports on shell mounds, focusing on lithic industry of the sambaqueiros (people of brazilian shellmounds) studies, seeking to understand the relationship between scientific practice and the paradigms of each historical moment in this specific field. In this work, we address the discipline in the Brazilian Empire, viewed through the lens of cultural evolutionism and diffusionism, within the historical-cultural paradigm inherited from prehistoric studies in England, France, and Denmark. We believe that archaeology, in studying the shell mounds and their lithic tools, contributed to the ordering and creation of discourses and the imperial world, sometimes elaborating fanciful and discordant explanations about the “nation’s past” and how ancient and contemporary peoples to the Empire were understood and represented.

## KEYWORDS

Sambaquis, lithic industries, history of research, XIX century.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia imperial e as indústrias líticas de sambaqueiros nos discursos evolucionistas culturais (1820-1880). *Cadernos do Lepaarq*, v. XX, n.39, p.39-68, Jan-Jun. 2023.

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa bibliográfica crítica surge da necessidade de estudar mais profundamente o desenvolvimento teórico e metodológico da arqueologia de sambaquis. Especificamente, o estudo das indústrias líticas desses povos, que desde o início da disciplina no século XIX teve um papel central nas interpretações e discussões não só do campo de estudos de sambaquis, mas também da arqueologia brasileira como um todo. Os artefatos líticos possuem esse papel central por uma série de motivos: São materiais extremamente duráveis e, por isso, de fácil conservação em vários ambientes deposicionais. São também frequentemente encontrados em numerosos contextos culturais, e as origens da sua utilização e suas linhagens tecnológicas estão ligadas ao mais inicial momento da humanidade, acompanhando toda a história da nossa espécie em todos os continentes. Nos sambaquis, são frequentemente encontrados associados diretamente com estruturas funerárias ou em diversas áreas dos sítios, em várias formas e materiais diferentes, desde simples lascas de quartzo até elaboradas esculturas polidas de animais e formas geométricas em rochas básicas e duras. Não é de se surpreender que estiveram e ainda estão em posições privilegiadas para discutir uma série de questões, como tecnologia, migração, evolução humana, economia, subsistência, ocupação de territórios, simbolismos, violência, rituais funerários e tantos outros. Como os sambaquis aqui no Brasil também foram privilegiados com papéis centrais nas pesquisas arqueológicas, os estudos desses dois campos nos permite discutir de forma profunda as ideias e desenvolvimentos da disciplina no Brasil.

Esse primeiro período da arqueologia brasileira no século XIX é recorrentemente ignorado ou pouco explorado nos compêndios teóricos ou nas discussões acerca da história da arqueologia brasileira. E as reflexões sobre a formação da arqueologia nacional tendem a dedicar mais atenção ao século XX, deixando décadas para trás com as raízes da nossa disciplina. Nesse sentido, Ferreira nos dá uma clara justificativa da importância de estudar esse período:

Escrever a História da Arqueologia Imperial em suas correlações com campos de saber e poder, portanto, pode servir tanto para o entendimento de sua constituição epistêmica, quanto para a compreensão dos mecanismos por meio dos quais se fabricaram interpretações racistas e elitistas da identidade brasileira. (FERREIRA, 2001, p. 30).

O nosso objetivo é estudar cada período histórico das pesquisa, sendo o primeiro período de relatos e do colecionismo, entre 1580 e 1810, o segundo o início da arqueologia no contexto Imperial, entre 1820 e 1880, o terceiro é a nova arqueologia republicana histórico-cultural, entre 1890 e 1920, o quarto sobre a arqueologia histórico-cultural moderna, entre 1930 e 1980 e o último período os novos olhares da arqueologia processual e pós-processual de 1990 até os dias de hoje. Essa divisão entre períodos leva em consideração não só aspectos teóricos e metodológicos utilizados pelos pesquisadores, como métodos de análises, utilização de determinados conceitos, abordagens teóricas, tipos de questionamentos feitos e objetivos buscados. Mas também o contexto histórico e político do Brasil e da prática científica em geral. Levando em conta por exemplo as ideologias vigentes que sempre influenciaram diretamente a prática arqueológica e o contexto das instituições e pesquisadores.

A história da arqueologia reflete então não só os vários contextos históricos de pesquisa e produção de conhecimento, mas também a relação entre o papel do arqueólogo na sociedade e o que a sociedade espera, anseia e exige que o arqueólogo produza sobre o passado pesquisado. (BARRETO, 1999-2000, p. 34).

Assim, pretendemos aprofundar nosso conhecimento sobre a história da arqueologia brasileira para servir de apoio às pesquisas em sambaquis e indústrias líticas. Entendemos que a revisão crítica da bibliografia é essencial para a prática científica e arqueológica, permitindo visualizar as mudanças e continuidades na disciplina e fornecendo um panorama histórico e epistemológico. Como fonte para discutir períodos, história e desenvolvimento teórico e metodológico da arqueologia, utilizamos principalmente os trabalhos de arqueólogos, historiadores e jornalistas como Batalla (1972), Seyferth (1995), Bahn (1996), Raminelli (1996), Lima (1999-2000), Barreto (1999, 1999-2000), Gaspar (2000), Langer (2001, 2005), Ferreira (2001, 2003, 2014), Trigger (2004), Bueno (2010), Belem (2012), Calazan (2016), Funari (2018) e Prous (2019). Sendo a base fundamental as fontes primárias dos próprios autores do período como Saint-Hilaire (1830), Varnhagen (1840, 1849, 1877), Capanema (1865, 1876), Burton (1869), Rath (1871), Wiener (1875), Lacerda (1882, 1885), Netto (1882, 1885) e Koseritz (1884).

Neste artigo, abordaremos brevemente o momento dos primeiros relatos históricos sobre sambaquis no Brasil e do colecionismo, iniciando ainda no século XVI e avançando até meados do século XIX. No entanto, o foco principal será a arqueologia imperial, o primeiro momento da disciplina no Brasil, fortemente influenciada pelo evolucionismo cultural e o difusionismo, sendo o início do histórico-culturalismo. Esse período que começa em 1810 com o surgimento das primeiras instituições e pesquisas científicas, e se estende até 1880 quando o Império acaba em um processo que também significa mudanças nas práticas e discussões na arqueologia de sambaquis.

## O PERÍODO DOS RELATOS E DO COLECIONISMO (1580-1810)

Com a chegada dos europeus ao continente americano no século XVI, surgiram os primeiros registros escritos sobre os sambaquis. Esses relatos eram descrições fortuitas e gerais de europeus com diversas ocupações, como cronistas, viajantes, bandeirantes, monçoeiros, sertanistas e missionários que exploraram o território americano e descreveram tanto a fauna, flora e o espaço como também elementos antrópicos (LIMA, 1999-2000, p. 286; BELEM, 2012, p. 10; PROUS, 2019, p.15).

O primeiro desses relatos conhecidos é do jesuíta São José de Anchieta (1534-1597), em anotação de 1585<sup>1</sup> no qual descreve a abundância de vida aquática no Brasil como baleias, peixes-boi, capivaras e peixes, além das “ilhas de casca” no litoral e informando que delas se podia

---

1 Os documentos originais do padre Anchieta foram transcritos na Biblioteca de Évora por Francisco Adolfo Varnhagem (1816-1878) e entregues a Revista do IHGB. Compilados sob o título Informações e fragmentos históricos do padre Joseph Anchieta (1584-1586) por João Capistrano de Abreu (1853-1927) em 1886. Por sua vez a obra de Abreu foi republicada em 1933 pela Biblioteca de Cultura Nacional sob título Informações da Província do Brasil para nosso padre – 1585 (1901-1935), dentro de um compilado maior de obras do Padre com comentários e introdução de Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), sendo essa última a fonte bibliográfica utilizada.

fazer uma cal tão boa como de qualquer rocha (ANCHIETA, 1933, p. 429). Assim a primeira menção desse tipo de sítio arqueológico mostra a relação da exploração econômica europeia com os sambaquis que seria abordada diversas vezes ainda.

(...) Além disto, há muitos mariscos em toda a costa, como lagostins, ostras, carangueijos, breguições, camarões, que são alguns de um palmo, e as ostras são em tanta quantidade que se acham ilhas cheias das cascas e faz cal para os edifícios que é tão boa como a de pedra. (ANCHIETA, 1933, p. 429)

Outro relato notável é o de Gaspar Teixeira de Azevedo, conhecido como Frei Gaspar de Madre de Deus (1715-1800) presente na obra *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, publicado originalmente em 1797<sup>2</sup>. Nele, Madre de Deus descreve que em São Vicente, hoje São Paulo, a costa pertencia a diversas aldeias que a defendiam pelo motivo de ali pescarem, coletarem crustáceos e principalmente moluscos, como ostras e berbigões. Alguns povos faziam isso cotidianamente e outros sazonalmente em maior número. “(...) dali saíam como enxames de abelhas a extrair do lodo os testáceos marítimos.” (MADRE DE DEUS, 2010, p. 33). A razão seria por apreciarem os moluscos ou por encontrarem grandes quantidades disponíveis na costa. O autor descreve que os povos indígenas se alimentavam deles durante as atividades de pesca e o resto secavam para alimentar a aldeia. As conchas que sobravam eram lançadas em lugares específicos que “(...) formaram montões tão grandes, que parecem outeiros a quem agora os vê soterrados.” (MADRE DE DEUS, 2010, p.33). Mas o Frei vai um pouco além e faz uma descrição não só de objetos, como artefatos líticos, e características desses sítios, como também uma explicação para a formação e o motivo de se encontrarem ossos humanos:

Daqui nasceu escrevem alguns autores que é mineral a matéria de que se faz a cal em várias partes da América. Enganaram-se, mas com desculpa; porque a terra conduzida pelas águas e ventos para cima daqueles montões, formou sobre eles crosta tão grossa que nalgumas partes chegam a ter capacidade para sustentarem como sustentavam, árvores bastante altas, que sobre elas nasceram, e se conservam sempre viçosas. Tanto é a antiguidade destas ostreiras (assim lhe chamam na Capitania de S. Paulo) que a umidade pelo decurso dos tempos veio a dissolver as conchas de algumas delas, reduzindo-as a uma massa branca, a qual petrificando-se pouco a pouco com o calor, formou pedras tão sólidas, que é necessário quebra-las com marrões ou alavancas, antes de as conduzirem para os fornos onde as resolvem em cal. Destas conchas dos mariscos que comeram os índios, se tem feito toda a cal dos edifícios desta Capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabaram as ostreiras de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéia, etc. Na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas, e nalgumas acham-se machados (o dos índios eram de seixo muito rijo), pedaços de panelas quebradas, ossos de defuntos; pois que se algum índio morria ao tempo da pescaria, servia de cemitério a ostreira, na qual depositavam o cadáver, e depois o cobriam de conchas. (MADRE DE DEUS, 2010, p. 33-34).

Assim era feita a associação de populações nativas modernas que praticavam sazonalmente a pesca e coleta de moluscos, com a construção dos sambaquis por acumulação de lixo

---

2 Originalmente a obra foi publicada em 1797 pela Tipografia da Academia Real de Ciências, desta obra várias versões diferentes foram publicadas ao longo dos séculos, com adições de fontes e até falsificações. A referência utilizada aqui é uma compilação mais recente e crítica dessas diversas fontes publicada em 2010 no Volume 129 do Edições em Senado Federal.

alimentar e com o enterramento de indivíduos que morreram durante as atividades de pesca no sítio. Consiste na primeira tentativa de explicação da gênese desses sítios, propondo uma origem artificial e recente, além de indicar uso funerário mesmo sem se aprofundar na questão. Cabe destacar que esse relato seria constantemente evocado por pesquisadores do século XIX.

Os séculos XVI, XVII, XVIII consistem então basicamente em descrições superficiais dos sítios e relatos do uso pelos nativos ou pelos mineradores de cal. Não há até o século XIX investigações científicas sobre os sambaquis, reflexo da própria inexistência da ciência no Brasil à época. Segundo Barreto (1999-2000, p. 35) as interpretações sobre as origens dos indígenas eram tímidas e condizentes com o criacionismo ou monogenismo cristão, citando teses como o paraíso na América e da descendência das tribos perdidas de Israel, partindo principalmente dos jesuítas.

Em parte também, por conta do esforço dos portugueses em manter as “novas” terras fechadas aos olhos das demais potências europeias, evitando confrontos por interesses econômicos. Exemplo disso é a proibição do desembarque no Rio de Janeiro em 1768 de botânicos, zoólogos e astrônomos, parte da tripulação de James Cook (1728-1779) em sua circum-navegação. E o impedimento da entrada do naturalista alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) no Brasil em 1800 em sua expedição amazônica, onde não só registrou sítios arqueológicos como também propôs uma origem asiática única para as populações nativas. Mesmo assim, algumas excursões de naturalistas estrangeiro, sobretudo franceses e alemães, vinham acontecendo, regidos pela curiosidade renascentista da era das descobertas (BARRETO, 1999-2000, p. 35; BUENO, 2010, p. 159).

Por outro lado, as autoridades coloniais também não incentivavam as pesquisas sobre as antigas culturas por receio do já incipiente nativismo brasileiro, mas era praticada a coleta de objetos considerados exóticos para o Gabinete Real de Curiosidades (PROUS, 2019, p. 15). Para Barreto (1999, p. 204), nesta mentalidade colonial as peças arqueológicas brasileiras só foram tratadas como objetos de interesse por sua exotividade e por prestarem a exercícios interpretativos condizentes com essa mentalidade como a comparação com padrões europeus. Produzindo uma perspectiva da futura arqueologia como o estudo do “outro” que será herdada principalmente após o século XVIII.

Segundo Trigger (2004, p.106) e Bahn (1996, p. 50) esse tipo de coleta e formação de coleções é característico do antiquarianismo dessa época, a própria arqueologia pré-histórica como ciência só se desenvolveria na Europa em meados do século XIX como um produto do Iluminismo e fundamentalmente como um estudo evolucionista da história humana entendendo o progresso humano como um processo natural. Teve sua origem de dois polos complementares, o escandinavo que começa na primeira década com estudos sobre o neolítico, procurando descobrir o modo de vida das populações antigas, pioneiros nos métodos de seriação da cultura material e cronologia dos depósitos culturais. E o segundo começando na década de 1850 na Inglaterra e França, estudando o paleolítico e se apoiando nas ciências naturais.

Com a virada do século, Portugal seria menos restritivo ao acesso de outros europeus no continente, mesmo que inicialmente favorecesse a Inglaterra. Ainda em 1802 o viajante inglês

Thomas Lindsey teve sua entrada permitida, mas é com a chegada da Família Real Portuguesa e a abertura dos portos em 1808 que as primeiras missões científicas aconteceram (BUENO, 2010, p. 159). Esse primeiro período é caracterizado então como pré-científico, mas foram feitos os primeiros relatos e descrições sobre os sambaquis e formadas as primeiras coleções de curiosidades. Esse contato inicial dos europeus com os sambaquis acabou por fornecer os primeiros temas a serem discutidos no século XIX, como a origem dos sítios, sua temporalidade, função, formação e a relação com as populações ameríndias modernas.

## A ARQUEOLOGIA IMPERIAL E OS DISCURSOS EVOLUCIONISTAS CULTURAIS (1820-1880)

Em novembro de 1807 a Corte Portuguesa parte de Portugal fugindo da guerra com Napoleão chegando em 1808 na costa brasileira, movendo com ela a capital do Império para o Rio de Janeiro. Este fato traz mudanças de todo tipo para o Brasil, desde a remodelagem de cidades, mudanças nas estruturas políticas, econômicas e sociais, e o incentivo as artes práticas, as artes eruditas e as ciências. Assim, poucos dias após chegar no continente em janeiro de 1808, ainda em Salvador, D. João VI (1767-1826) assina o “Decreto de Abertura dos Portos as Nações Amigas” que permitiu a entrada de diversos cientistas e exploradores de todo o tipo. Alguns desses “novos” viajantes descreveriam os sambaquis mesmo sem escavar os sítios.

É o caso de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) que relata em 1830 na obra *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* que nas ilhas do Rio de Janeiro, próximo à Ilha do Governador, observou africanos escravizados coletando conchas para a produção de cal e relacionou essa atividade com a formação dos “*grands cônes*” onde camadas de lenha e conchas alternadas eram feitas em formas de cones para serem queimadas. Uma vez que “*Comme la pierre calcaire ne se trouve point dans les environs de Rio de Janeiro, on la remplace solvante par des coquilles*” (SAINT-HILAIRE, 1830, p. 5). E o caso de Richard Francis Burton (1821-1890) no seu livro *Explorations of the Highlands of the Brazil* publicado em 1869, no qual menciona a ocorrência, na Ilha do Governador no Rio de Janeiro, de *Kitchen-middens* de conchas ricos em crânios de nativos e artefatos de pedra (BURTON, 1869, p.23).

Com a vinda do Império as primeiras instituições científicas brasileiras também foram criadas, como o Museu Real fundado em 1818, mais tarde denominado de Museu Nacional, e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) fundado em 1838. Estas seriam as duas principais instituições promotoras de pesquisas arqueológicas durante o século XIX e estavam intimamente ligadas aos interesses imperiais (LANGER, 2001, p. 42, 2005, p. 92; FERREIRA, 2001, p. 22, 2003, p. 104; PROUS, 2019, p.17). Para Calazan (2016, p. 72) é nesse momento que um tímido interesse pela pré-história brasileira e a edificação de uma história nacional começam. Dessa forma estava construído o terreno para o começo da produção e exploração científica do Brasil e o início da

---

3 Tradução livre: Como o calcário não é encontrado nas proximidades do Rio de Janeiro, muitas vezes é substituído por conchas.

arqueologia como disciplina, pois havia interesse do poder imperial, cientistas de diversos países e novas instituições para garantir a infraestrutura de tal projeto.

Os sambaquis tornaram-se rapidamente o interesse das primeiras pesquisas arqueológicas. Poucos anos após sua fundação, o IHGB encarrega Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) a vasculhar os arquivos da Câmara de São Vicente, com os objetivos de verificar as descrições de Frei Gaspar sobre diversos assuntos e de visitar o “*monte de ossos*” no sítio de Manoel Dias em Cubatão (VARNHAGEN, 1840, p. 537). Varnhagen publica suas primeiras observações na recém criada Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil. E informa que a casqueira já se encontrava destruída pela mineração de cal e que de fato havia ossos humanos, mas questiona a origem artificial proposta pelo Frei e se prontifica a pesquisar mais a fundo esse e outros sambaquis (VARNHAGEN, 1840, p. 538). Assim, em 1849 faz outra publicação na Revista, dessa vez descrevendo os sambaquis como construções artificiais, mausoléus feitos por uma raça mais civilizada que os “degenerados e canibais” Botocudos<sup>4</sup>. Mostra o que seria presente em todo o século, a hierarquização das raças humanas de acordo com seu suposto “grau de civilização”, sendo os Botocudos considerados uma das mais primitivas, e a tentativa de encontrar civilizações avançadas perdidas no passado. O autor é, também, um dos primeiros a relacionar os sambaquis com os *kjökkenmodding* dinamarqueses (VARNHAGEN, 1849, p. 372).

Essa associação entre os sambaquis e os *kökkenmöddingers* ou *Kjökkenmodding* foi algo recorrente durante o século XIX por uma série de motivos, um deles é a clara semelhança morfológica entre os sítios, pois os *kökkenmöddingers* são caracterizados como *mounds* constituídos de sedimento, conchas, ossos de animais, esqueletos humanos, artefatos líticos e localizados normalmente próximos do litoral, mas também pela influência da arqueologia produzida na Dinamarca nesse período. Desde 1827 o zoólogo Johannes Japetus Smith Steenstrup (1813-1897) investigava esses sítios e os considerava como tendo origem natural por ação de marés. Nos anos 1840 o arqueólogo Jens Jacob Asnussen Worsaae (1821-1885) começou a defender a origem artificial para os *kökkenmöddingers* por populações litorâneas, estabelecendo pela primeira vez a polêmica entre origem natural e artificial. Na Escandinávia a questão começou a ser resolvida com a troca de correspondência entre Steenstrup e Peter Wilhelm Lund (1801-1880), de 1847 até 1852, que já residia em Minas Gerais e considerava os sambaquis e os *kökkenmöddingers* similares e de origem artificial. Porém, os pesquisadores brasileiros não estavam cientes dessas correspondências, apesar de se utilizarem das interpretações dinamarquesas para provar a artificialidade dos sítios (LANGER, 2001, p.36; PROUS, 2019, p. 18). Em 1851 a polêmica se encerra na Dinamarca quando Worsaae escavou um *kökkenmöddingers* em Jutlândia descobrindo evidências da origem artificial (BAHN, 1996, p. 90).

Segundo Trigger (2004, p. 71) e Bahn (1996, p. 89) a Dinamarca foi pioneira nos estudos de pré-história, em grande parte resultado dos trabalhos de Christian Jürgensen Thomsen (1788-

---

4 Botocudo é um termo generalizante para descrever vários grupos étnicos distintos que utilizavam “botoques”, uma espécie de disco labial. Esses nativos brasileiros eram considerados pelos estudiosos do século XIX como os mais inferiores e bestiais representantes da espécie humana, uma teoria racial a muito ultrapassada (VIEIRA, 2019, p. 319).



1865) e seus métodos inovadores de seriação de artefatos e datação relativa que estavam definindo a prática da arqueologia histórico-cultural do período. Thomsen que possuía experiência com seriação temporal em numismática, foi convidado em 1816 para organizar em um catálogo a recém formada coleção de antiguidades da Dinamarca e prepará-la para exposição. A coleção que se tornaria o Real Museu para Antiguidades Nórdicas fundado em 1819 com 27.000 peças que proviam uma ampla visão sobre o passado da Dinamarca.

A partir de uma perspectiva evolucionista e de ideias iluministas que focavam na razão e no desenvolvimento técnico, organizou os artefatos em diferentes categorias de uso (funcionais), como facas, panelas e colares, posteriormente subdividindo-os por material e forma. E em Idades com base no material que os compunha e nas características estilísticas. Assim, as Idades cronológicas e sucessivas ficaram divididas basicamente em Idade da Pedra, do Bronze e do Ferro, sendo conhecido como o sistema de três idades. Porém, cabe destacar que as idades não eram definidas pela ocorrência absoluta de um determinado material em cada idade, com uma técnica substituindo totalmente a outra. Essa permanência de artefatos e técnicas em diferentes idades seria um dos desafios encarados por Thomsen. Pois na Idade do Ferro, por exemplo, instrumentos de bronze, cobre e pedra ainda eram feitos, por esse motivo sua seriação se baseava fortemente em características estilísticas que relacionavam artefatos a uma mesma temporalidade e na análise dos contextos dos achados. Assim, o sistema de classificação se baseava em “achados fechados” situações onde artefatos eram encontrados associados em um mesmo contexto, como em estruturas funerárias. Para o esquema fazer sentido lógico era necessário então que todo um conjunto de artefatos isolados e artefatos encontrados em “achados fechados” fossem organizados em sequência cronológica onde material, estilo, decoração e contexto concordassem entre si.

A divisão em Idades não foi uma invenção de Thomsen, que buscou inspiração no esquema evolutivo do filósofo romano Tito Lucrécio (99 – 55 AEC), mas sua importância reside na criação de um sistema efetivo para organizar os artefatos encontrados em uma ordem cronológica, mesmo que rudimentar. Que permitia produzir relações entre contextos e pensar em processos de desenvolvimento das técnicas. Considerado como processos evolutivos das culturas. É importante notar, no entanto, que Thomsen não interpretava todas as mudanças estilísticas e técnicas como frutos somente do processo evolutivo interno, mas também considerava movimentos de difusão e dispersão (BAHN, 1996, p. 89; TRIGGER, 2004, p.73).

Outro trabalho que influenciou diretamente a arqueologia brasileira foi o de François Vartard de Jouannet (1765-1845). O arqueólogo francês começou os seus trabalhos em 1810 investigando ferramentas líticas de Ecorneboeuf na França e principalmente na década de 1830 visitou diversas cavernas e abrigos sob rocha onde eram encontrados líticos e ossos humanos. Foi o primeiro a realizar uma análise tecnológica desses artefatos, identificando modos de produção e até explorando a arqueologia experimental. Assim, também foi o primeiro a sugerir a divisão da pré-história em Idade da Pedra Lascada (mais antiga) que se desenvolve para Idade da Pedra Polida (mais recente) (BAHN, 1996, p.81). Em 1865 o inglês Sir John Lubbock (1834-1913), cunharia os termos Paleolítico e Neolítico a partir dessa ideia (BAHN, 1996, p.85).

Worsaae que foi voluntário de Thomsen em Copenhague estudou os artefatos líticos dos *kökkenmöddingers* e observou especificidades tecnológicas entre instrumentos lascados e polidos em diferentes camadas desses *mounds*. Sugeriu na década de 1850 de forma semelhante a Jouannet uma divisão interna para a Idade da Pedra, assim cunhou a Idade da Pedra do Meio (mais tarde denominado Mesolítico), período em que a maioria dos *kökkenmöddingers* estariam situados, após a Era Glacial com os seus abrigos sob rocha, mas antes das tecnologias do Neolítico como a agricultura, criação de animais e cerâmica (BAHN, 1996, p.91). Esses trabalhos de seriação cultural foram aplicados e, ao mesmo tempo, criticados pelos arqueólogos no Brasil que se deparavam com contextos distintos para os instrumentos líticos locais, mas utilizavam dos mesmos princípios para interpretar e categorizar esses artefatos e “culturas”.

Os instrumentos líticos recuperados em sambaquis só seriam tratados pelas pesquisas científicas a partir de 1864, quando o Conde de La Hure envia para a Secretaria do Estado do Império uma carta contendo um extenso relatório da sua descoberta na baía de Saí em Santa Catarina de 8 sambaquis e o resultado das escavações já realizadas pelo Conde, solicitando um parecer do IHGB. La Hure mostrou-se um profundo conhecedor da arqueologia para a época e à frente dos intelectuais do Instituto. A carta, utilizava de terminologias técnicas atualizadas, identificou diferentes espécies de conchas em diferentes níveis estratigráficos, concluindo representarem ocupações distintas ao longo do tempo. Fez uma descrição física detalhada dos esqueletos humanos encontrados e dos seus estados de conservação. Nas suas escavações encontrou, além dos esqueletos humanos, artefatos líticos, incluindo machados de pedra, e cacos cerâmicos, enviando alguns artefatos com a carta para o IHGB (LANGER, 2001, 36; Calazan, 2016, p. 73)<sup>5</sup>.

Após trocas de correspondência, principalmente com o ministro José Liberato Barroso (1830-1885), La Hure publica os seus trabalhos em 1865 com o título *Considérations sommaires sur l'Origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Com base no contexto de Santa Catarina, conclui que os sambaquis são construções artificiais feitas por uma mesma etnia antiga, possivelmente com mais de 3000 anos, ou seja, mais antigos que os povos megalíticos europeus e distintos das atuais etnias nativas americanas. Faz comparações entre os artefatos líticos encontrados nos sambaquis e os encontrados nos *kjökkenmodding*, sustentando que por suas semelhanças seriam ambos antigos e diferentes daqueles artefatos associados a nativos do Brasil. A sua obra possui ainda uma detalhada descrição de cada objeto encontrado com a sua localização estratigráfica, muito mais complexos e detalhados que outros trabalhos brasileiros da época. Cabe destacar que La Hure assumiu uma posição difusionista considerando a origem asiática dos povos americanos a mais provável, mencionando a possível inclusão de elementos europeus entre os séculos VIII e IX e a ocupação do litoral brasileiro começando pelo norte (LANGER, 2001, p. 38).

As suas publicações geraram respostas. Em 1865 o engenheiro Guilherme Schüch de Capanema (1824-1908) publica um parecer sobre os trabalhos de La Hure com diversas discordâncias.

---

5 Infelizmente não foi possível consultar as fontes primárias do La Hure, como cartas e publicações, por conta da impossibilidade de visitar acervos físicos durante a pandemia de COVID-19 nos anos de 2020 a 2022. Sendo assim a principal fonte secundária consultada foi LANGER (2001).

Entendendo os sambaquis como formações fruto do alteamento do litoral, portanto naturais, discorda da antiguidade proposta pelo Conde baseado na comparação entre artefatos líticos brasileiros e dinamarqueses, pois para Capanema eles seriam comuns a todos os povos primitivos (CAPANEMA, 1865, p. 283). Segundo Langer (2001, p. 40) essa publicação demonstrava que Capanema estava desatualizado com as discussões nacionais presentes nas publicações de Varnhagen e mesmo a arqueologia europeia. Em 1876 Capanema volta a publicar, dessa vez interpretando os sambaquis como resultado da acumulação de restos alimentares de nativos que, limpando a área onde vivem, acabavam criando esses montes, rejeitando a ideia de função funerária. Cita que neles são encontradas instrumentos líticos e fragmentos cerâmicos e restos faunísticos de caça e pesca (CAPANEMA, 1876, p. 81).

Essa aparente divisão dos pesquisadores entre a posição artificialista (origem antrópica dos sambaquis) e a posição naturalista (origem geológica dos sambaquis) parece ser característica da arqueologia do século XIX. Mas de fato, como apontado por Langer (2001, p. 50), a maioria dos estudiosos assumiria a posição artificialista durante o Império, como Ládisláu Netto (1838-1894), João Batista de Lacerda (1846-1915), Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888), Peter Lund, Johan Albert Constantin Löfgren (1854-1918), Koenigswald e La Hure, mesmo que alguns começassem assumindo uma posição naturalista posteriormente admitiram a origem artificial como Varnhagen e Capanema. Outros assumiram uma terceira posição aceitando a existência de sambaquis naturais e artificiais, como Carl Friedrich Joseph Rath (1802-1876) e Charles Wiener (1851-1913). O maior defensor da corrente naturalista foi o alemão e primeiro diretor do Museu Paulista Hermann Friedrich Albrecht von Ihering (1850-1930), que considerou os sambaquis como formados pelo rebaixamento do continente e avanço do mar que acumularia conchas no fundo, e com o continente emergindo posteriormente os sambaquis apareceram. Porém, só publica as suas ideias no final do século no período republicano e primeiramente na Alemanha em 1894. Mesmo antes de realmente publicar, Ihering conseguiu influenciar alguns pesquisadores como Carl Rath, que em 1875 muda de ideia, assumindo os sambaquis todos como resultado do dilúvio bíblico e portanto, naturais. Posteriormente Ihering reconheceria a existência de “pseudo-sambaquis” artificiais que se caracterizaram por serem menores, com camadas húmicas e ossos de peixes. E os sambaquis naturais, sendo todos os maiores e os com sepultamentos.

Carl Rath começou publicando as suas ideias em jornais europeus e na *Brasília de Petrópolis* em *Fragmentos Geológicos*, além de ter escavado diversos sambaquis como afirma em 1871 no artigo *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil*, bem como o seu interior, antes do Dilúvio Universal publicado na *Revista* do IHGB, essa publicação de 1871 será nossa principal fonte para discutir suas ideias. Segundo Löfgren (1893, p. 16) Rath teria visitado sambaquis entre Santos e Paranaguá em São Paulo desde 1848, sendo o primeiro a relacioná-los com os *kjökkenmodding*. Rath também foi o primeiro a criar uma classificação para os sambaquis segundo o material que os compõe, inaugurando a posição que assumia ambas as origens para os sítios, posição que ganharia força mais tarde em outro formato com Wiener (1875).

Segundo Rath (1871, p. 287) os sambaquis seriam divididos em três categorias, as duas pri-

meiras constituídas por montes artificiais de conchas onde a espécie de molusco predominante diferenciava o tipo de sítio, neles seriam encontrados ossos e enterramentos humanos e grande número de “armas e utensílios feitos de pedras” (RATH, 1871, p. 288) como machados, pontas de lança, flechas, cunhas, virotes, argolas, massas, pilões, mãos de pilão, fundas, quebra-cocos, pedras chatas e côncavas. Além de um terceiro tipo que seria constituído de camadas horizontais de conchas, areia, terra e pedras, formados pelas águas do dilúvio e portanto, natural. Rath interpretou os sambaquis artificiais como construções de povos muito antigos, resultado da lenta acumulação de restos alimentares, assim como La Hure havia proposto. Porém, entendia os sambaquis como possuindo uma função especificamente funerária, com mortos sendo enterrados com os pertences em vida e oferendas de peixes e carne de caça “para a viagem que tinham de fazer para os Elisios ou campos de delicias.” (RATH, 1871, p. 289).

Esses artefatos líticos que Rath descreve possuem papel central na interpretação sobre os construtores dos montes. O primeiro aspecto é a variedade de tipos de artefatos, como fica evidente pela descrição em diversas funções identificadas a partir da forma. Mas, além disso é o número absoluto de artefatos em si que chamou a sua atenção, especialmente as lâminas de machado. Para sustentar a sua interpretação Rath faz comparações entre diferentes exemplos de sítios arqueológicos conhecidos na época, destaca os *kökkenmöddingers* que segundo os critérios apresentavam não só artefatos de mesma forma como também de mesma matéria-prima. Faz também comparações com artefatos líticos que observou na Exposição Universal de Paris<sup>6</sup> onde peças da Europa, Ásia, África e América do Norte podiam ser vistas juntas. Para ele os mesmos artefatos podiam ser encontrados nos Sambaquis e mais variedade ainda seria encontrada no Brasil. Assim, os sambaquieiros são entendidos como povos numerosos de mesmo nível evolutivo dos povos pré-históricos de outros lugares do mundo como a Europa “prova de um povo original e primitivo da America do Sul.” (RATH, 1871, p. 292)<sup>7</sup>. Rath faz também um paralelo direto entre diversidade e quantidade de artefatos com tamanho e antiguidade dos sambaquieiros quando entende que se no Brasil há mais tipos de artefatos líticos que em outros países, seria prova de que aqui “viveu um povo mui antigo e antidiluviano, e tão numeroso como prova com mais evidencia do que nação alguma.” (RATH, 1871, p. 290).

Um clássico exemplo do paradigma da arqueologia no período onde os artefatos de uma determinada cultura seriam provas diretas do seu desenvolvimento geral em uma escala evolutiva, mas não só isso, várias características desses objetos são transferidas diretamente para a imagem que se constrói desses povos. Assim, se há muitos tipos de artefatos, feitos de vários materiais, deveria haver muitos povos ou um povo muito numeroso.

Carl Rath, que levou o próprio imperador D. Pedro II (1825-1891) para sua escavação em Santos, termina o seu artigo lamentando a falta de atenção da arqueologia brasileira para esses

6 Infelizmente Rath não cita qual a Exposição que visitou, mas podemos supor que foi a de 1855 ou a de 1867, as duas únicas sediadas em Paris antes de 1871, data da publicação de Rath.

7 Essa característica não difusionista quando cita “povo original” é para Langer (2001, p. 42) uma das características que fez com que Rath e não La Hure ganhasse atenção da Revista do IHGB, pois era mais condizente com as novas ideias adotadas pelos pesquisadores do Instituto na década de 1870.

sítios e de incentivos para escavações, o que para o IHGB seria recorrente para toda a década de 1870. Porém, essa mesma década significou um grande desenvolvimento para a arqueologia brasileira, o Museu Nacional se atualizaria, ampliando as pesquisas com expedições de estrangeiros em várias partes do país como as comissões de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) ao sul e Charles Frederick Hartt (1840-1878) na Amazônia, trazendo definitivamente novas ideias e métodos como o evolucionismo, positivismo e o debate romântico dos fundamentos de uma “cultura nacional”. A arqueologia ganha espaço próprio, apesar de ainda secundário em relação à botânica, zoologia e geologia, exercida como uma ciência classificatória visando ilustrar empiricamente a evolução humana. (BARRETO, 1999-2000, p. 37; LANGER, 2001, p. 42; CALAZAN, 2016, p. 78; FUNARI, 2018, p. 26).

João Camilo de Oliveira Torres (2018) também nos informa que o positivismo entra no Brasil na década de 1850 e ganha força na década de 1870, porém se torna uma filosofia realmente influente na República, sendo uma das suas principais filosofias orientadoras. Isso fica evidente nos trabalhos analisados aqui, pois o positivismo começa a aparecer nas primeiras publicações do período da República Velha. Dessa forma, esse tema será abordado no próximo artigo.

Segundo Ferreira (2001, p. 24) com essa aclimação de ideias após 1870 o objetivo da arqueologia engloba três problemas: Qual a origem das sociedades indígenas? Os indígenas seriam autóctones ou teriam migrado de outro continente? É possível avaliar o grau de civilização das sociedades indígenas? Essas questões resultaram de um espaço de interpositividades permitindo a criação de uma política indigenista a fim de classificar as sociedades indígenas e definir o lugar a ser ocupado na rígida hierarquia do Estado Imperial.

O naturalista Ládisláu Netto teve um grande papel nesse processo, em 1871 integrou a comissão de arqueologia do IHGB, ocupando o cargo até o fim do Império, em 1876 assumiu a direção do Museu Nacional, promoveu a modernização da instituição, uniu o IHGB e o Museu Nacional em várias pesquisas, o que acabou por criar uma arqueologia de campo e gabinete com metodologia nacional. Nesse momento o Museu Nacional se torna o principal depositário de artefatos arqueológicos e surge a primeira edição da revista *Archivos do Museu Nacional* (LANGER, 2005, p. 92).

Netto que havia escavado sambaquis no Rio de Janeiro participa de uma incursão com Carl Schreiner aos sambaquis do Rio Grande do Sul em 1873, com esta experiência levanta uma série de problemáticas e encarrega Charles Wiener de realizar escavações em Santa Catarina. Em novembro de 1875 Wiener publica os resultados em comissão especial ao Museu Nacional como *Estudos sobre os sambaquis do Sul do Brasil*, na primeira edição de *Archivos*.

Wiener (1875, p. 4) trataria os sambaquis de uma forma abrangente, dividindo a sua análise em diferentes aspectos dos sítios, como topografia, morfologia, estratigrafia e interpretações sobre os artefatos coletados, sobretudo líticos. Para isso investigou os sambaquis de Sanhassú, Armação da Piedade, Porto Bello, os do Rio Tavares, Rio Cachoeira, Cannas Vieira, Bahú e Luiz Alves, dividindo-os em diferentes categorias conforme a forma, estratigrafia e origem.

Entende então os sambaquis como possuindo três origens possíveis, uma natural por len-

ta acumulação de conchas de moluscos que morreriam em maré baixa e posteriormente cobertas por sedimento e novas conchas na maré alta. E duas origens artificiais, uma por acumulação fortuita formada pela “indolência” da população que não removia os seus restos alimentares, formando montes insalubres até serem obrigados a se mudar para outro local próximo. E uma segunda origem que seria a construção deliberada de um monumento funerário, definido por apresentar os enterramentos humanos sem estarem misturados com restos alimentares, interpretado como sinal de canibalismo nos sambaquis fortuitos. E por apresentar um certo padrão na forma, caracterizando uma construção planejada (WIENER, 1875, p. 15). Segundo Langer (2001, p. 48) a constante associação entre canibalismo e sambaqueiros é fruto de um desvio interpretativo que acontecia igualmente com os Botocudos que remete a um estereótipo presente no pensamento ocidental. Essa imagem do canibal está relacionada com a do bárbaro construída na Europa desde a Grécia Clássica através do Cristianismo. Tomando novos contornos diante de novas situações, sendo o persa, o pagão ou o indígena não convertido. Assim, a imagem do indígena bárbaro e canibal foi um clichê de enorme sucesso (RAMINELLI, 1996).

Wiener discorre sobre os artefatos encontrados nos sambaquis artificiais, dando especial atenção aos objetos líticos polidos como lâminas de machado, mãos-de-pilão, almofarizes e pedras de amolar, caracterizando alguns deles em tipologias morfológicas. Para os machados define 3 tipos principais, o primeiro uma espécie de cilindro de base oval, fortemente adelgado na extremidade superior, apresentando um gume semelhante nesta parte a uma plaina. O segundo consiste em um paralelepípedo, com um paralelogramo por base e extremidade oposta muito afiada, aos  $\frac{3}{4}$  do comprimento possuem uma incisão regularmente executada de ambos os lados, em toda a espessura, de sorte que a extremidade oposta ao gume se assemelha a um pequeno cabo, lascado no sentido longitudinal do machado, normalmente possuem simetria, mas o lado do gume pode ser ligeiramente maior. A última forma não é considerada um machado propriamente dito, mas que poderia servir como formão, destinado a quebrar frutos, com ângulos completamente suprimidos, razão pela qual o autor crê que este instrumento não era destinado a levar cabo, com lados que são ligeiramente convexos para mais comodidade do trabalhador (WIENER, 1875, p. 13).

Para as mãos-de-pilão, descreve que seriam destinadas a esmagar frutos, preparar cores, venenos e remédios, dividindo-os em um primeiro modelo que consiste em um cilindro muito regular e ligeiramente arredondado nas duas extremidades, o segundo assemelha-se a afiadores de navalhas, e o terceiro modelo consistindo em seixos polidos pelas ondas e achatados em um dos lados. Os almofarizes são também divididos em 3 modelos, o primeiro e mais primitivo sendo um seixo achatado de um lado de modo a dar uma base sólida, o segundo modelo um pouco mais perfeito consistindo em cilindros regularmente cavados, e o terceiro modelo consistiria por almofarizes com “arte aplicada à indústria”, na forma de raias e uma cavidade no ventre do animal retratado, sendo essa descrição de um zoólito. Define ainda dois tipos de pedras de amolar, podendo ter servido também como pratos, o primeiro e mais primitivo consiste em seixos cavados de ambos os lados em forma de bacia e o segundo apresentando linhas extremamente regulares

seriam pedras graníticas roladas, ligeiramente cavada do lado oposto e com a margem dessa espécie de bacia oval com uma notável regularidade (WIENER, 1875, p. 14).

Wiener também cita instrumentos menos comuns, como um cilindro terminado pela metade longitudinal de um cone alongado, com o lado convexo polido e o lado chato rugoso, sem função conhecida e uma ponta de flecha não acabada de basalto encontrada em Armação da Piedade. Sobre a ocorrência da ponta de flecha o autor reconhece que não é um padrão nos sambaquis, sendo muito raramente encontrados objetos lascados, para ele é uma prova do desenvolvimento tardio das indústrias lascadas em comparação com as indústrias polidas, pois além de rara a ponta é feita de basalto, uma matéria há muito conhecida pela população que o utilizava para fazer machados polidos bem acabados. A partir dessa reflexão considera que não é possível traçar um paralelo direto entre a pré-história brasileira e europeia, dividida entre Idade da Pedra Lascada e Idade da Pedra Polida, pois no Brasil os instrumentos de pedra polida eram mais simples de fazer pelo fato de se encontrarem pré-formas naturais para machados, que seriam mais antigos que os instrumentos lascados que exigiam um controle técnico maior (WIENER, 1875, p. 19). Apesar de ser pertinente considerar que não é aplicável a tradicional divisão da pré-história europeia na América, posição que segundo Langer (2001, p. 45) foi influência dos pesquisadores José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) e Emmanuel Liais (1826-1900) (LANGER, 2001, p. 45), investe da mesma forma em produzir uma divisão da pré-história entre diferentes tecnologias líticas.

Se se considerar que todos estes objetos são feitos de materia relativamente pouco resistente, concordar-se-há talvez com a nossa opinião, quando declaramos que as pontas de flecha ou de lança, em silex ou quartzite e até em crystal de rocha, testemunham uma arte muito mais adiantada, pois que á paciencia que exigia a fabricação de machados e instrumentos semelhantes, cumpre tambem accrescentar o golpe certo da mão do mestre que sabia lascar a materia resistente das pontas de flecha de que ha bellissimos exemplares no Museu do Rio de Janeiro. (...) Considere-se que para a fabricação dos machados, não eram necessarios, por assim dizer, instrumentos. A rocha granitica da costa bastaria, para este fim porque era a lima natural, e entretanto, quanto merito, existe na invenção, não sómente do instrumento, mas no descobrimento da materia do instrumento destinado a lascar uma substancia tão dura como o silex ou o quartzo! Julgamos até que na America a época da pedra polida precedeu por muito tempo a da pedra lascada. (WIENER, 1875, p. 19-20).

O trabalho de Wiener contém então uma primeira tentativa de sistematizar os líticos encontrados nos sambaquis, utilizando principalmente da descrição morfológica das peças para tal. Também é o primeiro a relacionar as indústrias líticas sambaquieiras com as divisões em idades da pré-história europeia. Diverge do modelo tradicional, mas fica evidente a sistematização dos artefatos por forma e matéria em categorias funcionais, assim como feito por Thomsen, Jouannet e Worsaae, apesar de não avançar para uma sequência cronológica de tipos.

No seu trabalho também podemos encontrar os primeiros desenhos publicados de artefatos líticos de sambaquieiros, que se destacam também pela apurada técnica de representação (Fig. 1). Apresenta alguns exemplares que integram as categorias líticas denominadas pelo autor, que mostra quase que na sua totalidade instrumentos polidos com grande apelo estético. Mesmo

criticando o modelo das Idades da pré-história, Wiener dá maior importância para instrumentos polidos, seja na descrição textual, seja nas representações gráficas. Essa característica presente em vários trabalhos do século XIX pode ter várias explicações, certamente o fetiche pela estética e pelo exótico tinha um papel relevante no que se refere as escolhas das peças que integram as ilustrações dos textos. Por outro lado, também havia uma percepção pouco sensível para instrumentos menos formais, como lascas frequentemente encontradas em sambaquis. Essa ausência pode ser fruto também de uma falta de sistematização das técnicas de campo, que deixavam de coletar vários vestígios ou a falta de escavações em si, inclusive era frequente nessa época que os artefatos estudados tenham sido encontrados por curiosos ou em atividades de mineração. Vale lembrar que não é comum encontrar muitos instrumentos lascados com apelo estético ou muito formalizados em sambaquis, a exemplo de pontas de flecha e lâminas grandes, que provavelmente receberiam destaque.

De forma curiosa, conclui que os sítios não apresentam grande antiguidade, como proposto anteriormente por La Hure, Lund e Rath, mesmo considerando que os instrumentos polidos encontrados nos sambaquis são mais antigos que os instrumentos lascados em outros contextos brasileiros, o que poderia indicar que o autor considerava que a pré-história no Brasil não possuía grande antiguidade na totalidade. Segundo Langer (2001, p.45) essa posição do autor indica uma adequação entre os resultados das pesquisas e pressupostos ideológicos da elite imperial.

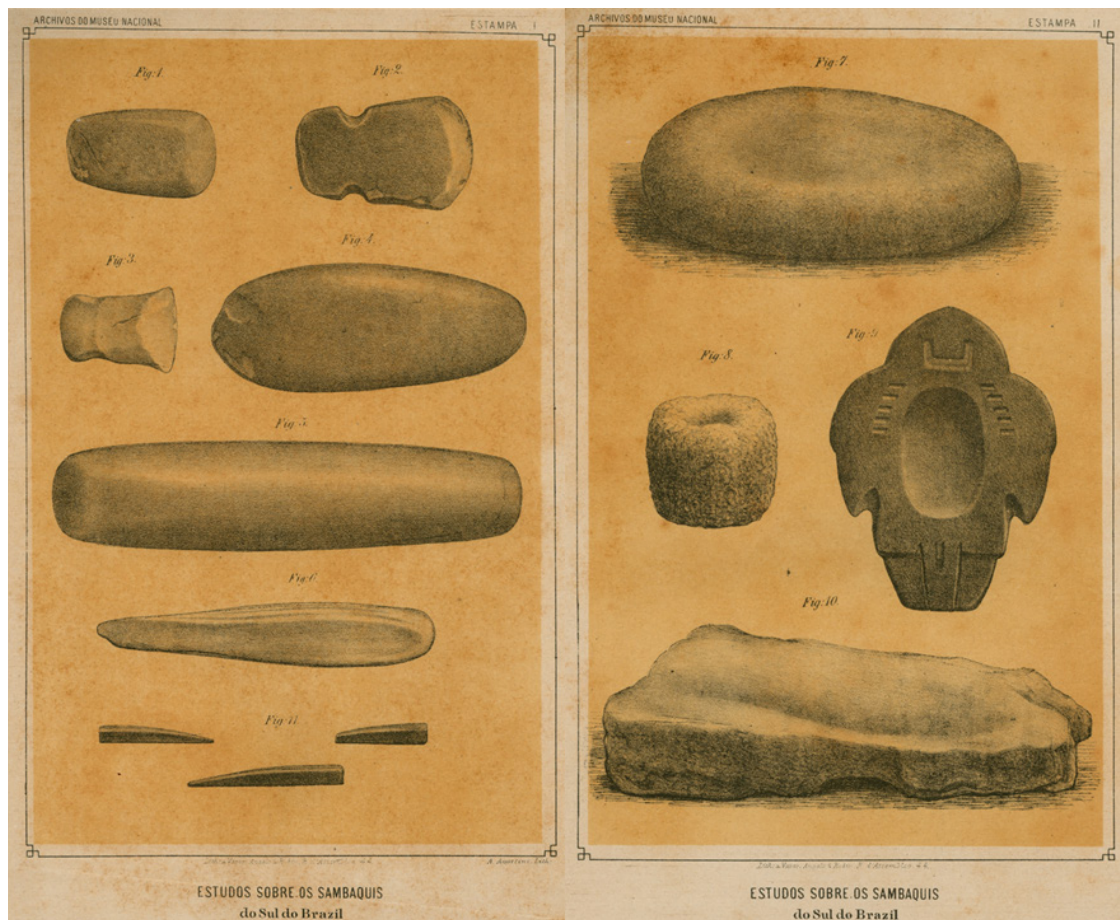


Figura 1: Desenhos de artefatos líticos encontrados em sambaquis do Sul produzidos por Wiener.  
Fonte: WIENER (1875, p. 21-22).



Cabe destacar que outros pesquisadores como Lacerda discordavam da ideia de certa evolução cultural, apoiada na monumentalidade dos sambaquis e na diversidade de indústrias líticas, defendida por Wiener. No artigo A morfologia craneana do homem dos sambaquis publicado na Revista da Exposição Anthropologica<sup>8</sup> em 1882, consiste basicamente em uma descrição técnica da morfologia craniana, com base em esqueletos recuperados em Santa Catarina e Paraná e interpretações sobre tais populações. Descreve os sambaquieiros como possuindo um aspecto bestial, feroz e selvagem. Para ele o lóbulo frontal seria pouco desenvolvido assim como a sua capacidade cerebral em geral, comparando-os as Cro-magnon, conclui que a evolução cerebral humana foi mais desenvolvida na Europa do que na América. Outra comparação feita é com os Botocudos, tidos como “uma das raças indígenas mais brutalizadas do Brazil.”, pois com a morfologia craniana mais acentuada seriam comparáveis aos sambaquieiros e por tanto um pouco superiores a eles, levando-o a considerar a existência de vinculação étnica entre eles. Os sambaquieiros seriam compreendidos então como “um dos mais ínfimos representantes da nossa espécie nos tempos prehistoricos.”, quase sem indústria, a não ser por alguns artefatos de pedra grosseiro, sem arte, sem cerâmica. Indivíduos musculosos, arrojados, ferozes, dados a pesca e a caça (LACERDA, 1882, p. 22). E especificamente sobre as suas produções líticas: “A sua industria era nulla. A não ser alguns artefactos de pedra, grosseiramente trabalhados, eles não deixaram outros produtos da arte imperfeita e embryonaria do selvagem, que se possa admirar.” (LACERDA, 1882, p. 23).

Outro pesquisador que se apoia na análise de líticos para desenvolver as suas concepções sobre o povo sambaquieiro é Carlos von Koseritz (1830-1890) quando publica na Revista do IHGB em 1884 os resultados dos seus trabalhos nos sambaquis de Conceição do Arroio, hoje Osório no Rio Grande do Sul, dando grande atenção aos instrumentos líticos. Descreve os sambaquis da região como baixos com área entre 5 e 10 metros quadrados, pela distância com a costa e espécie de conchas nos depósitos data os sítios como antediluvianos com provavelmente mais de 6000 anos. Koseritz utiliza da presença ou ausência de determinados artefatos líticos para definir filiação cultural dos sambaquieiros e rotas de difusão. Cita, por exemplo, que nos Sambaquis não se encontram machados redondos ou de diorito, comuns aos nativos do interior e do sul. Conclui: “Do exame dos objetos achados n’essa ostreira resulta, que os indígenas, que as formarão, não pertencião ás mesmas tribos, que povoarão os nossos matos e campôs do Sul.” (KOSERITZ, 1884, pp. 180).

Em Conceição do Arroio descreve que os objetos encontrados não são em nada parecidos com os “achados nos matos” no que se refere à forma ou matéria-prima dos artefatos de nativos que ha-

---

8 A Exposição Anthropologica Brasileira anunciada nos jornais como uma “festa da sciencia”, seria inaugurada somente em 29 de julho de 1882 no próprio Museu Nacional à época localizado no Campo de Santana. Contou com a presença da família real, da elite imperial e de um grande número de pessoas de diversas classes sociais, há relatos de até 3000 pessoas em um único dia da Exposição. Neste evento também foram trazidos uma família de *Nak-Nanuk*, classificados como Botocudos, expostos como atração contra sua vontade, sofreram com os constantes assédios do público e parte deles nunca voltariam para o Rio Doce, indo acabar em uma segunda exposição em Londres. Tal evento fazia parte de uma tendência das feiras de curiosidades do século XIX, muitas tinham verdadeiros zoológicos humanos e o intuito da construção da imagem de uma nação moderna, o retrato do Segundo Império que investia em suas instituições. Foi então o mais importante evento científico brasileiro de todo o século, rendendo diversos estudos e publicações como a Revista da Exposição Anthropologica além de uma grande coleção de artefatos (VIEIRA, 2019).

bitavam o interior. E destaca que os encontrados no sambaqui são de “melaphyro basáltico” e não de diorito. Os machados do mato seriam lisos, sem cavidades circulares, enquanto no sambaqui possuíam entre uma e duas cavidades circulares para fixar o cabo. A semelhança entre os de Santa Catarina e Paraná foi considerada prova de que os sambaquieiros vieram daquela região. Também descreve que foram encontrados bolas, almofarizes, mãos de pilão, pontas de flechas e tembetás. O autor considera que os tembetás no que lhe concerne são prova de que os sambaquieiros seriam da raça dos Botocudos, uma vez que estes utilizavam o artefato e os Guaranis e Coroados os desconheciam. Por final cita ainda a ocorrência de cerâmica, ossos e crânios humanos além de peças de prata em forma triangular (KOSERITZ, 1884, pp. 181). Segundo Langer (2001, p. 48) Koseritz foi um dos mais atuantes pesquisadores no Sul e um defensor da ideia dos indígenas como grupos numerosos com tecnologia lítica atingindo um alto nível, demonstrado pela grande coleção de peças líticas que o pesquisador formou.

Através da comparação da forma e função presumida de artefatos de diferentes lugares, Koseritz conclui que os sambaquieiros vieram migrando da região de Santa-Catarina e Paraná para o Rio Grande do Sul. Mostrando uma influência difusionista e um caráter histórico-cultural com a associação de uma cultura/etnia a uma determinada classe de artefatos, nesse caso indústrias líticas, como os citados machados e tembetás que seriam a prova da associação entre sambaquieiros e Botocudos em uma difusão vinda do Sul.

No ano seguinte, em 1885, o Museu Nacional publica uma edição de Archivos comemorativa a *Exposição* de 1882. Essa edição, que só tratou de temas arqueológicos, teve como o seu principal artigo Investigações sobre archaeologia brasileira escrita por Ládisláu Netto, um extenso e relevante trabalho de sistematização do acervo da Instituição, sobretudo artefatos cerâmicos e líticos, principalmente machados de pedra polida. Dá especial atenção para a ilha de marajó, o mound de Pacoval e a cerâmica marajoara. Estabelece paralelos com diversas culturas ao redor do mundo e propõe interpretações sobre a migração no continente americano, como a descida de povos da América Central para o norte do Brasil na região Amazônica. No que se refere ao material lítico de sambaquis, suas ideias são muito mais detalhadas do que em publicações anteriores, como na introdução ao texto de Wiener (1875) e em Netto (1882).

Tratando das indústrias líticas brasileiras, argumenta de forma semelhante a Wiener (1875, p. 19) no sentido de que há grande dificuldade em confirmar a tradicional divisão da pré-história europeia no Brasil, entre idade da pedra lascada e idade da pedra polida, pois nos depósitos mais antigos como em sambaquis se encontram peças idênticas às modernas, sem diferença entre a presença de objetos lascados e polidos, relativamente aos machados e pontas de flecha (NETTO, 1885, p. 478).

Para os machados e pontas de flechas, sobretudo, as dificuldades são inúmeras, pois nos mais antigos sambaquis e em excavações profundas, não são encontrados specimens inteiramente identicos aos que se apresentam em depositos modernissimos e devo dizer até em circunstancias que denunciam verdadeira actualidade. Da mesma sorte, apresentam-se, em impossivel discriminação de localidade ou de epocha de fabrico, os machados de pedra polida em relação com os de pedra lascada. Tenho em vão tentado saber onde não são encontrados em mais abundancia uns que os outros. Inexplicavel promiscuidade é geralmente o caracter das jazidas d’onde não são extrahidos estes artefactos. (NETTO, 1885, p. 478).

Caracteriza os sambaquis como lugares onde quase exclusivamente se encontram restos de antigas e elevadas civilizações, formados pelo acúmulo de conchas ano após ano por tribos vindas dos sertões em épocas determinadas de maior abundância de moluscos. Dos artefatos líticos de sambaquis do sul cita que são encontrados numerosas cavadeiras, martelos, facas, raspadores e pontas de flechas (NETTO, 1885, p. 495). Considera que alguns desses instrumentos são simples, como os machados de diorito encontrados em sambaquis em toda a costa. Para o autor são comuns em decorrência das características da rocha, como dureza, facilidade de se encontrar pré-formas naturais em diques pela costa e a facilidade de se fragmentar em “pedaços pseudo-geometricos” (NETTO, 1885, p. 483). Apesar de citar serem também encontrados machados de quartzito, serpentina, gnaiss, fibrolitho, syenito, a nephrite, e o porphyto em sambaquis, nos informa que o Museu Nacional nesse momento possuía aproximadamente uma dúzia de machados de fibrolitho e meia dúzia de nephrite, sendo esses os mais comuns (NETTO, 1885, p. 480). É interessante notar, também, uma experiência que o autor narra ter tido em 1881, onde pode observar no Morro da Guia, próximo à cidade de Cabo Frio, RJ, sulcos na rocha, provavelmente produzidos por indígenas polindo machados de diorito, utilizando areia e água (NETTO, 1885, p. 484). Além de observar ser comum encontrar fragmentos de diorito utilizados como amoladores em diversos sítios (NETTO, 1885, p. 486). Nos sambaquis mais extensos encontrados em Santa Catarina, Paraná e São Paulo seriam encontrados também pequenos instrumentos de 7 a 12 cm que talvez possuíssem a função de abrir bivalves, simples, mas finamente polidos (NETTO, 1885, p. 506).



Figura 2: Alguns desenhos de Netto de machados polidos e instrumentos de nativos Coroados e Bacairys.  
 Fonte: NETTO (1885, p. 487).

Em algumas das páginas do texto podemos encontrar ilustrações de diversos artefatos citados por Netto, no entanto, não apresentam uma organização ou indicação clara no que se refere à procedência e/ou tipo de artefato. Na figura 2, por exemplo, é possível ver representados um amolador de diorito, que pela forma foi também identificado como um machado, além de outros dois machados feitos de fibrolito, todos comuns a sambaquis, porém não nos é dito a origem específicas dessas peças. Na mesma página há representado também dois machados de contextos modernos, segundo Netto, um pertencente aos *Bacairy* do Xingú e o outro dos Coroados do Paraná. A intenção parece ter sido de fazer paralelos e comparações entre instrumentos arqueológicos sem cabos com instrumentos etnológicos mais completos e possivelmente semelhantes. Como de costume, os instrumentos polidos são a maioria das representações, apesar disso foi dada uma atenção para pontas de flechas lascadas e alguns outros instrumentos lascados de contextos diversos em outras páginas.

O autor ressalta que também seriam comumente encontrados “toscos” machados de pedra lascada e seixos com uma cavidade no meio, sendo prováveis almofarizes de até 40cm de diâmetro em Santa Catarina. Especificamente sobre o Rio de Janeiro, onde há numerosos sambaquis, Netto escreve que recebeu de um funcionário da construção da estrada de rodagem da Tijuca 3 almofarizes de diorito, encontrados próximos com mãos de pilão da mesma rocha (NETTO, 1885, p. 509).

Outros tipos de instrumentos são considerados pelo autor mais complexos e interessantes. Cita, por exemplo, que no litoral e em quase todos os antigos cemitérios são encontrados uma mistura de belos machados de pedra polida, como os denominados noviluniformes e os triangulares perfurados, que considera mais como joias com “graça artística” do que objetos de trabalho (NETTO, 1885, p. 494). E também um “curioso” artefato em forma de agulha, provavelmente para tecer redes, servir de polidores ou alguma outra função desconhecida (NETTO, 1885, p. 507).

Os zoólitos são outros desses instrumentos dignos de nota, descritos como possuindo na sua maioria o formato de peixes, aves e animais, feitos de diorito compacto ou “porphyro” foram interpretados como objetos de valor religioso, de veneração e idolatria. Segundo Netto os zoólitos em forma de peixe, por exemplo, poderiam ser utilizados para favorecer a pesca. Considera as características depressões ventrais e dorsais dessas peças como utilizadas para a preparação e consumo de enteógenos utilizados em rituais religiosos para invocar o divino, fazendo um paralelo com o consumo de pó de Paricá (Rapé) em receptáculos de madeira por indígenas modernos no vale do Amazonas. Para explicar a ocorrência dos zoólitos considera duas hipóteses, primeiro que os sambaquieiros seriam descendentes de um povo culturalmente superior que conservou as suas produções artísticas como relíquias ou que nômades salteadores roubaram estes objetos de povos mais cultos (NETTO, 1885, p. 511).

Netto conclui então que os vestígios antigos encontrados em tais sítios indicavam que os construtores de sambaquis eram mais avançados que os atuais povos nativos, seus degenerados descendentes. Os sambaquieiros por sua vez seriam descendentes de povos do sul dos An-

des, onde se encontra sílex, jaspe e calcedônia que serviam para a fabricação de artefatos como “magníficas lâminas de lanças”, esses povos teriam migrado para o interior do Paraná e Santa Catarina onde permaneceram por um tempo deixando finos artefatos polidos nos sambaquis da região como os zoólitos. Os “ferozes e agigantados” Botocudos do Sul, recorrentemente comparados com os sambaquieiros, também seriam seus descendentes e imitavam os seus traços com a produção de longas lâminas de madeira (NETTO, 1885, p. 505).

Essa relação entre materiais específicos, formas e tecnologias em instrumentos líticos com afiliações culturais foi utilizado por Netto diversas vezes para fundamentar as suas teorias difusionistas. Visível pelo fato de se encontrarem entre povos menos desenvolvidos instrumentos semelhantes, porém inferiores, aos encontrados em algum grande centro de cultura desenvolvida como os povos mexicanos e andinos. Sendo então rudes reproduções ou no caso de possuírem o mesmo nível rapidamente explicados como frutos de saques. É o caso dos sambaquieiros relacionados com os Incas, ou as tribos amazônicas relacionadas com os Astecas. E vai mais longe ainda, chega a sugerir que as “grosseiras facas de diorito” que Ihering encontrou no Rio Grande do Sul poderiam ser prova da ligação dos nativos modernos brasileiros com os povos mexicanos, por se assemelhar as facas cerimoniais astecas de obsidiana (NETTO, 1885, p. 495).

Em uma das estampas que mais chamam a atenção na publicação de 1885 (Fig. 3) é possível notar a atenção que os zoólitos receberam, a peça central e de maior destaque é um zoólito de peixe, com a sua depressão ventral aparente, uma das características mais debatidas para esse tipo de artefato. E no entorno a diversos outros exemplos de zoólitos, de pássaros, peixes, um de raia no lado direito e alguns mais geométricos. Além desses artefatos é possível visualizar machados, bolas, discos e possivelmente dois pilões. Infelizmente não há uma legenda para cada instrumento e os números de referência são usados somente para fazer comparações ao longo do texto.

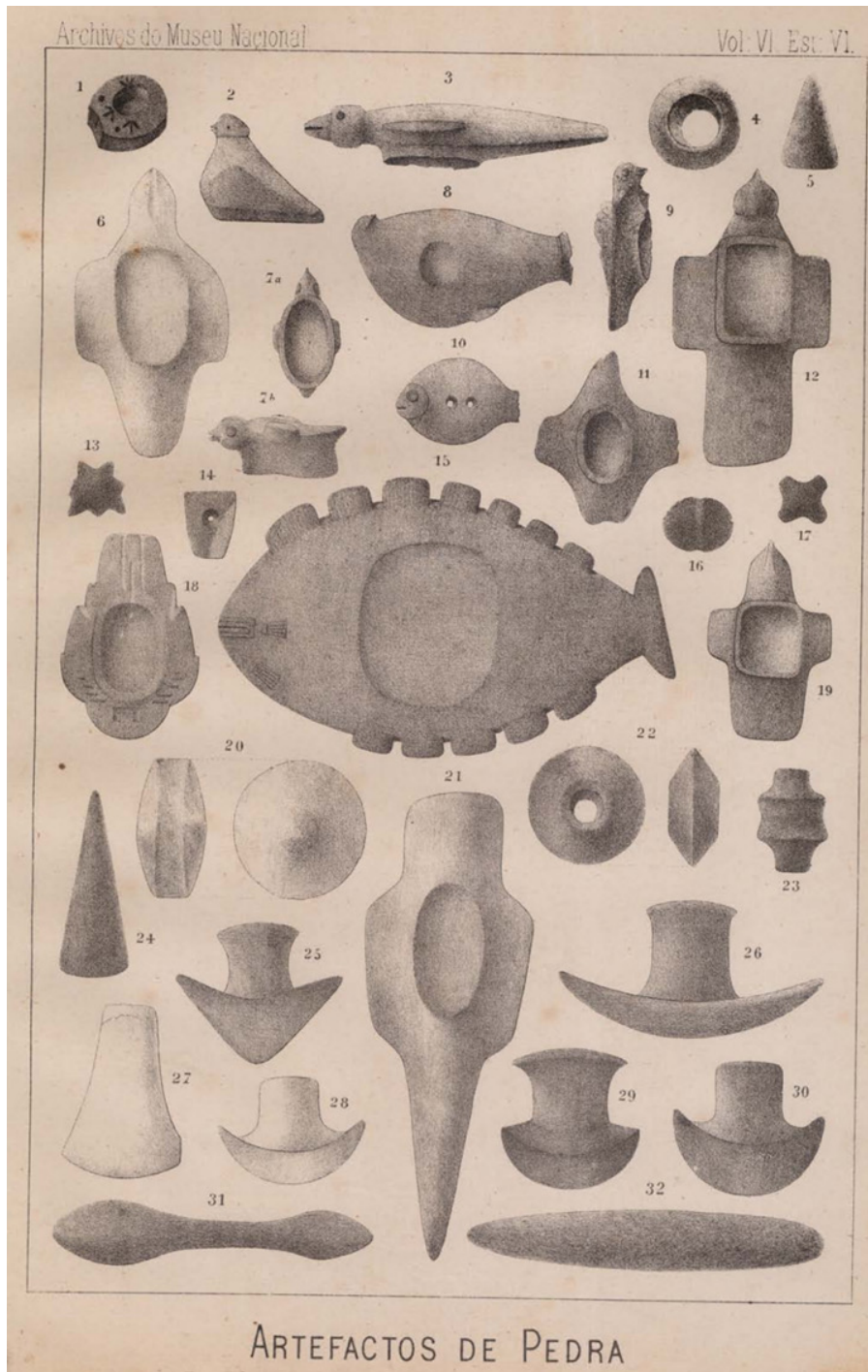


Figura 3: Ilustração mostrando alguns dos artefatos descritos por Netto. Fonte: NETTO (1885, p. 564).

É possível notar a utilização do conceito da degeneração, muito utilizada na época, na qual haveria uma civilização superior no passado, no caso do Brasil ligada aos Andes ou América Central, que com o tempo se deterioraria em formas mais inferiores como os Sambaqueiros, ainda que considerasse estes como mais desenvolvidos que outros grupos nativos como os Boto-cudos, sempre os mais bestializados. Há uma tentativa de ligar o passado do Brasil e do Império com as, consideradas avançadas, civilizações clássicas da América, legitimar os atuais nativos como inferiores e ainda se desvincular de teorias estrangeiras, como a negação da cronologia

ALVES, Arthur Braga, GASPAR, Maria Dulce. A arqueologia imperial e as indústrias líticas de sambaqueiros nos discursos evolucionistas culturais (1820-1880).

pré-histórica europeia no contexto americano, utilizando principalmente os instrumentos líticos como legitimadores desses ideais. Como apontado por Langer (2005, p. 101) este trabalho, apesar de afetado por falta de outras sínteses e datações absolutas que só seriam inventadas no século XX, forneceu explicações fantasiosas, porém convenientes para as metas civilizatórias do Império.

Cabe destacar que essa relação entre o Imperialismo e as ciências humanas se dá de forma profunda. Como discutido por Ferreira (2014, p. 12) diversos campos das humanidades foram apropriados para criar uma interpretação do mundo segundo os moldes coloniais, instituindo uma diferença ontológica entre colonizado e colonizador, ocidente e oriente, civilizado e bárbaro. Nesse sentido o mundo colonial é dual na sua estrutura base, pois com a chegada dos europeus os povos nativos americanos foram forçados a participar de um sistema global onde eles faziam parte do sistema colonial. Anulava-se a pluralidade cultural interna no processo de conquista, visível na própria criação do termo “indígena” que faz a oposição entre dominados e dominadores (BATALLA, 1972, p. 122).

Assim, as estruturas imperiais utilizaram-se das humanidades, portanto, dos saberes para definir não só os nativos existentes como também o seu passado de modo a legitimar uma realidade bastante material de dominação que estava a ser imposta nas terras americanas. A arqueologia não conseguiu encontrar pirâmides, nenhum grande monumento, não revelou uma cultura elaborada indígena. Para os evolucionistas havia se demonstrado empiricamente que os indígenas são selvagens sendo frustrada a tentativa de representá-los na imagem de uma nação que buscava ser civilizada. Os indígenas foram excluídos dos discursos historiográficos e interessavam somente como mão de obra, quando não considerados perigosos e fadados ao extermínio (FERREIRA, 2001, p. 29).

Como discutido, a arqueologia nesse momento era norteadada pela corrente teórica do evolucionismo cultural unilinear, muito fortalecida com os conceitos da evolução biológica de Charles Darwin (1809-1882) da sua obra de 1859 *On the Origin of Species by Means of Natural Selection or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life*. As ideias de Darwin ganharam força, pois davam meios de explicar a origem do homem sem recorrer a dogmas bíblicos, permitindo discutir a antiguidade da espécie e atribuir valor as pesquisas dos vestígios das populações do passado. De fato, o autor se esquivava de discutir alguns desses dogmas, ficando contido a explicar o fenômeno natural de variação das espécies dentro dos limites da ciência da época. Foi esse raciocínio de maior temporalidade para a vida na terra e acumulação de alterações nas espécies que colocou a natureza em uma perspectiva histórica, cujo motor era a seleção natural. Porém, Darwin omite, em um primeiro momento, o ser humano nestas discussões de forma a evitar o preconceito religioso que entendia o homem como fruto da criação divina e não como um ser biologicamente transformado. Pelo menos até 1871, quando publica o livro *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex* (CALAZAN, 2016, p. 48; FUNARI, 2018, p. 24).

A dominação de grupos humanos sobre outros, a partir de A Origem, é posta sob ótica naturalizada, e o “estágio de civilidade” aparece como mera (porém definidora) vantagem perante a seleção natural. Esta análise reelabora a ideia constatada por Malthus, para quem a desigualdade era uma fatalidade, em virtude da concorrência das populações

por alimento. Esta fusão do raciocínio biologizante com o pensamento histórico sobre a humanidade é o que define mormente o que se vulgarizou como darwinismo social. As consequências mais pungentes da popularização deste juízo em meados do século XIX – período da gênese das Ciências Sociais e auge do Novo Sistema Colonial – foram a naturalização da dominação, o senso de superioridade ocidental e a fundamentação desta suposta preeminência em um discurso racial. (CALAZAN, 2016, p. 52).

A obra de Darwin serviu de base para os trabalhos de John Lubbock como em *The Origin of Civilisation and the Primitive Condition of Man: Mental and Social Conditions of Savages*, publicado pela primeira vez em 1870. Essa corrente de caráter evolucionista entendia que o desenvolvimento técnico era diretamente relacionado com o desenvolvimento moral e social, organizando estes diferentes graus de desenvolvimento em uma escala hierárquica. A evolução cultural dos humanos seria uma continuação da evolução biológica, nesse sentido a seleção natural ditaria a habilidade de cada raça de utilizar e de produzir cultura. Inclusive, a observação e classificação dos artefatos líticos de kjökkenmödding Dinamarqueses feitas por Lubbock foi um dos caminhos condutores para suas teorias evolucionistas (TRIGGER, 2004, p. 111; CALAZAN, 2016, p. 65). Assim as culturas europeias representavam o ápice dessa evolução, cabe destacar que as classes médias crescentes desde a revolução industrial e as elites gostaram do otimismo de fazer parte da onda de desenvolvimento inerente aos humanos. Por outro lado, os grupos nativos das Américas, Ásia e África, dominados pelas elites europeias, não estavam incluídos na onda de desenvolvimento, pois se considerava que acidentes biológicos tornavam essas “raças” incapazes de participar desse processo, a não ser como mão de obra. Esses dois pressupostos, a inerente evolução dos europeus e a degeneração dos indígenas, africanos, aborígenes e asiáticos, seriam combinados nessa poderosa síntese usada internacionalmente pelos impérios (TRIGGER, 2004, p. 106).

Segundo Gaspar (2000, p. 14) e Barreto (1999-2000, p. 38) a questão da diversidade das raças humanas dominava as ciências sociais entre o final do Império e a I Guerra Mundial. E resultou na criação de categorias como Botocudos, Homem de Lagoa Santa e Homem do Sambaqui, formando uma tríade recorrentemente usada no século XIX. Essa busca pela caracterização de tipos humanos levou a uma linha de pesquisa extremamente descritiva que só no século XX seria substituída por pesquisas que enfocam o modo de vida de grupos pré-históricos e a genética de populações antigas. Segundo Seyferth (1995, p. 179) a questão da raça começou a fazer parte do discurso dos sábios e políticos brasileiros de forma mais sistemática em meados do século XIX, uma invenção peculiar inspirada por vários determinismos europeus e norte-americanos e na presunção da superioridade da civilização ocidental moderna. As raças tidas como inferiores, como negros, asiáticos, indígenas e mesmo mestiços, eram vistos como elementos dificultadores da construção de uma nação moderna.

A arqueologia no Brasil seria utilizada como ferramenta criadora desses discursos imperiais através das suas instituições como o IHGB e o Museu Nacional, que produziram por meio das suas pesquisas políticas de identidade da jovem nação e representações dos grupos indígenas em uma cartografia identitária. Incentivando projetos de colonização e exploração econômica dos territórios mais afastados da capital no Rio de Janeiro. Sendo definida como uma arqueologia



logia nobiliárquica quando se confundia com a heráldica, tentando reconstruir a genealogia da nação, encabeçada por uma “civilização branca” com nítidos objetivos geopolíticos de garantir o poder do Estado Nacional (FERREIRA, 2001, p. 23; 2014 p. 31). Assim, os espaços museológicos sul-americanos, que eram constituídos por eruditos de formação europeia, investigavam os espaços tidos como desconhecidos, criando uma organização de forma compreensiva para as elites imperiais (BITTENCOURT, 1997 *apud* LANGER, 2005). Essa nova forma de organização do espaço era uma necessidade a partir da mudança da ótica colonial para uma ótica imperial que valorizava uma exploração mais sistemática e diversificada (PROUS, 2019, p. 15).

Por outro lado, Barreto (1999, p. 204; 1999-2000, p. 32) afirma que mesmo com a valorização de estudos sistemáticos da natureza e das populações indígenas, a perspectiva da arqueologia continua a ser colonial. Tais estudos são incentivados por elites do saber confinadas aos museus, com o interesse de fortalecer a imagem de um país vasto, diversificado, e cheio de riquezas, mas sem incentivar o nativismo brasileiro. Sendo entendida então como mais próxima das ciências naturais e as suas práticas classificatórias e protegida de usos sociais e políticos. Como aconteceria em outros lugares da América Latina, onde a arqueologia foi usada como instrumento anticolonial, revolucionário, nacionalista e de resistência política.

## APONTAMENTOS FINAIS

Durante o Império as pesquisas arqueológicas efetivamente começaram e as primeiras explorações científicas e tentativas de interpretação dos sambaquis aconteceram. Como apontado por Gaspar (2000, p. 14) desde o final do século algumas importantes contribuições já despontavam, como observações pontuais sobre processos de formação dos sítios, implantação ambiental, composição, cronologia, subsistência e características físicas das populações.

Esse período inicial da arqueologia de sambaquis é muito mais que uma oposição entre naturalistas e artificialistas, os pesquisadores do Império por vezes interpretaram os sambaquis como monumentos de povos civilizados e perdidos, como Wiener (1875) e Netto (1885), ou restos de lixo acumulado de bárbaros como Capanema (1876) e Lacerda (1882, 1885). Demonstrando a tentativa de ligar esses sítios a um passado idealizado e glorioso para o Império, frustrada pela ausência de monumentos grandiosos e óbvios. E a tentativa de desvincular um passado bárbaro, e os atuais nativos, também considerados bárbaros, da nova identidade culta trazida pelos europeus. Nesse período foram implementadas diversas linhas interpretativas por vezes divergentes sobre a visão criada desses antigos nativos.

Identificado em muitos locais e em épocas diferentes, o bárbaro podia ser um negro africano, australiano, ou um ameríndio. Sua natureza bestial e inferior serviu para propósitos colonialistas e evangelizadores, durante o Renascimento. Curiosamente, tanto esse estereótipo seria identificado nos sambaquis, quanto conotações típicas de grandes sociedades. Um caso típico, onde a arqueologia brasileira identificou em meio a entulhos, os dois lados da balança do mundo ocidental: a civilização e a barbárie. Em ambos os casos, o imaginário estava ocultando a verdadeira identidade do aborígine, criando novos va-

lores, mais condizentes com a proposta máxima deste momento – o avanço triunfal do europeu, máximo representante da escala evolutiva. (LANGER, 2001, p. 51).

Langer (2001, p. 50) investigou a inserção social dos cientistas e o contexto histórico e apontou que pesquisas nesse período geraram dois grupos principais de repercussão, o Nacional e o Internacional. O Nacional, por sua vez seria dividido em dois eixos interpretativos, um que entendia os sambaquis como monumentos e o outro que os considerava como resquícios selvagens. A tentativa de desvincular o passado brasileiro desses sítios também se dá através da atribuição de cronologias recentes para eles, que resguardava, dessa maneira, as raízes brasileiras para se vincularem com as modernas tribos oitocentistas como os Tupi.

O estudo dos artefatos sobretudo de instrumentos líticos, teve um grande papel na construção desses diferentes discursos. A presença de belas peças polidas como zoólitos e machados, ou seja, a estética da morfologia, seria utilizada por Netto (1885) e Koseritz (1884) para argumentar um passado relativamente civilizado com grande domínio de técnicas produtivas herdadas de povos mais desenvolvidos e complexos. Lacerda (1882, 1885) fazia paralelos entre os Botocudos e os sambaqueiros para sustentar justamente o oposto, incapacidade de produzir artefatos superiores a não ser toscos instrumentos lascados. Wiener (1875) e Netto (1885) também argumentariam que a presença tanto de instrumentos polidos com lascados nos mesmos sítios antigos seria prova de que as divisões de Idades Europeias não se aplicariam na América, fortalecendo a narrativa nacionalista, ideia que seria seguida por Löfgren (1893) e Ihering (1895).

As análises dos artefatos líticos nesse período basearam-se principalmente na descrição morfológica das peças, por vezes com a identificação dos minerais que eram constituídos e a principal estratégia para entender o que significavam tais artefatos foi a comparação com indústrias de outras populações, sejam Botocudos, grupos do interior do Brasil, construtores de *Kjökkenmødding*, Incas ou Astecas. Ocorreram também algumas tentativas de sistematização como a obra de Netto (1885) que organiza o acervo do Museu Nacional e o trabalho de Wiener (1875) que foi a primeira tentativa de caracterização tipológica de uma indústria dos sambaquis, mas sofrendo com a falta de dados e interpretações mais extensas. Outra contribuição notável foi o trabalho de Rath (1871) que observou diversas coleções líticas de todo o mundo na Exposição Universal de Paris e comparou com as indústrias brasileiras, o que levou a afirmar que no Brasil há uma grande variedade de artefatos, prova de um povo de grande antiguidade e numeroso.

Para Ferreira (2001, p. 25) essa forma de análise é fruto da interpositividade da disciplina que se integrando com a geologia utilizou de dois conceitos. O primeiro o de artefato, que é por um lado composto de matéria-prima, e por tanto um problema a ser resolvido pela geologia, e por outro é resultado da transformação humana e por tanto abordado pela antropologia. O segundo conceito é o de sítio arqueológico, o objeto empírico fundamental da Arqueologia evolucionista. São os depositários das “reliquias” do passado de onde devem ser retirados os vestígios de uma sociedade “extinta”. Os sítios eram também abordados pela geologia, observando-se a sua posição geográfica, dimensões, topografia e caracterizada a sua estrutura geológica. Levando a um determinismo geográfico que resultava em um entendimento da função do sítio em relação

ao imperativo constringente da natureza.

Dessa forma, todos esses trabalhos compartilham de algumas características comuns apesar de chegarem a resultados diferentes. As análises líticas desse período consistiram em organizações tipológicas com base na forma e mineralogia do artefato que daria a sua função presumida, criando categorias funcionais como machados, pilões, pontas de flecha, dentre outros. É recorrente a transferência direta de supostas características dos instrumentos líticos e demais artefatos para os grupos humanos a eles relacionados. Assim, os instrumentos líticos seriam numerosos ou complexos, pois seus artesãos seriam numerosos ou desenvolvidos, ou seriam instrumentos toscos e primitivos, feito por grupos primitivos e bestializados. Também é comum a questão da filiação cultural, que parte do princípio que a ocorrência de determinado artefato ou material definiria a ligação cultural entre grupos, com sambaqueiros sendo considerados diferentes de outros grupos nativos brasileiros e até próximos de “centros civilizadores” como os Incas ou Astecas, com uma forte orientação difusionista. Outra questão que permeava as análises de líticos era a temporalidade da pré-história brasileira, podendo ser considerada muito remota ou recente. Os artefatos encontrados nos sambaquis estiveram no centro de discussões acerca da aplicabilidade da divisão da pré-história da Europa aqui, sobre a antiguidade desses sítios e da presença humana ao menos no litoral, se eram de antes ou depois do dilúvio, contemporâneos ou anteriores aos atuais nativos.

Este período foi o primeiro desenvolvimento do campo de estudos de indústrias líticas sambaqueiras, consistindo de forma geral em uma abordagem tipológica e descritiva que orientaria por décadas os estudos futuros, produziu as primeiras coleções científicas, as primeiras sistematizações e levantaria as primeiras problemáticas em relação aos líticos. Compunham, dessa maneira, tentativas de responder as principais questões levantadas pela arqueologia histórica-cultural do período sob a ótica do evolucionismo cultural unilinear, com os objetivos de classificar os povos nativos, legitimar a dominação orientada pela raça, categorizar e dar sentido ao novo mundo imperial e a construir o passado da nação.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANCHIETA, São José de. Informações da província do Brasil para nosso padre – 1585. IN: MACHADO, António de Alcantara. *Cartas, informações, fragmentos históricos e Sermões do padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Cultura Nacional, 1933. p. 409-447.
- BAHN, Paul Gerard. *The Cambridge illustrated history of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. ISBN-13: 978-0521454988.
- BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 32-51, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p32-51>.
- BARRETO, Cristiana. Arqueologia brasileira. Uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* de São Paulo, Suplemento 3, p. 201-212, 1999. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.1999.113468>.
- BATALLA, Guillermo Bonfil. El concepto de indio en América: Una categoría de la situación colonial. *Anales de Antropología, Revista del Instituto de Investigaciones Antropológicas*, v. 9, p. 106-124, 1972. DOI: <http://dx.doi.org/10.22201/iiia.24486221e.1972.0.23077>.
- BELEM, Fabiana Rodrigues. *Do Seixo ao Zoólito. A Indústria Lítica dos Sambaquis do Sul Catarinense: Aspectos formais, tecnológicos e funcionais*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Editora Leya. 2010. ISBN: 978-85-62936-17-3.
- BURTON, Richard Francis. *Explorations of the highlands of the Brazil by Captain Richard F. Burton*. v. 1. Londres: Tinsley Brothers. 1869.
- CALAZANS, Marília Oliveira. *Os sambaquis e a arqueologia no Brasil do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- CAPANEMA, Guilherme Schüch. Os Sambaquis. IN: NOGUEIRA, Baptista Caetano d’A.; RODRIGUES, João Barboza; CAPANEMA, Guilherme Schüch. *Ensaio de Sciencia por diversos amadores*. Rio de Janeiro: Tipografia Central de Brown e Evaristo, 1876. p. 79-89.
- CAPANEMA, Guilherme Schüch. Parecer sobre as investigações do Sr. Conde de La Hure nos sambaquis. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo XXVIII, p. 283-284, 1865 e-ISSN: 2526-1347.
- DARWIN, Charles Robert. *On the Origin of Species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Londres: John Muray. 1859.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. “Um bando de idéias novas” na arqueologia (1870-1877). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 11, p. 21-33, 2001. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2001.109403>.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. História petrificada: a Arqueologia Nobiliárquica e o Império Brasileiro. *Cadernos do CEOM*, v. 17, n. 18, p. 11-40, 2014. ISSN: 1413-8409.
- FERREIRA, Lúcio Menezes. Vestígios da raça americana: Arqueologia, etnografia e romantismo no

Brasil Imperial (1838-1867). *Habitus*, v. 1, n. 1, p. 103-128, 2003. e-ISSN: 1983-7798.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. Ed. 3. São Paulo: Editora contexto. 2018. ISBN: 978-85-7244-251-0.

GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2000. ISBN: 85-7110-530-8.

IHERING, Herman von. A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional. *Revista do Museu Paulista*, v. I, p. 32-159, 1895.

KOSERITZ, Carlos von. Sambaquis de Conceição do Arroio. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XLVII, parte 1, p. 179-182, 1884. e-ISSN: 2526-1347.

LACERDA, João Batista de. A morfologia craneana do homem dos sambaquis. IN: FILHO, Mello Moraes. *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C. 1882. p. 22-23.

LACERDA, João Batista de. O Homem dos sambaquis: Contribuição para a Anthropologia Brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 175-203, 1885.

LANGER, Johnni. Expondo o passado: as pesquisas arqueológicas do Museu Nacional durante o Brasil Império (1876 a 1889). *Cadernos do CEOM*, no 18, n. 21, p. 91-109, 2005. e-ISSN: 2175-0173.

LANGER, Johnni. Os Sambaquis e o Império: Escavações, Teorias e Polêmicas, 1840-1889. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia de São Paulo*, v. 11, p. 35-53, 2001. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2001.109409>.

LIMA, Tânia Andrade. A. Em busca dos frutos do Mar: Os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, n.44. p. 270-327, 1999-2000. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i44p270-327>.

LÖFGREN, Alberto. Contribuições para a Archaeologia Paulista – Os Sambaquis de S. Paulo por Alberto Löfgren. *Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo*, n.9, p. 1-91, 1893.

LUBBOCK, John. *The Origin of Civilisation and the Primitive Condition of Man: Mental and Social Conditions of Savages*. Londres: Longmans, Green and Co. (1870) 1912.

MADRE DE DEUS. Frei Gaspar. *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 129. 2010. ISBN: 978-85-7018-277-7.

NETTO, Ládisláu. A origem dos sambaquis. IN: FILHO, Mello Moraes. *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & C. 1882. p. 37-38.

NETTO, Ládisláu. Investigações sobre a archaeologia brasileira. Rio de Janeiro. *Archivos do Museu Nacional*, v. 6. p. 261-554, 1885.

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira: A Pré-história e os verdadeiros colonizadores*. Cuiabá: Editora Archaeo e Carlini & Caniato. 2019. ISBN: 978-85-8009-281-3.

RAMINELLI, Ronald José. *Imagens da Colonização: A Representação do Índio de Caminha a Vieira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro. 1996. ISBN: 85-711-0377-1.

RATH, Carl Friedrich Joseph. Noticia etnológica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do dilúvio universal. *Revista do Instituto Historico e Geogra-*

*phico Brasileiro*, tomo XXXIV, primeira parte, p. 287-292, 1871. e-ISSN: 2526-1347.

RIO, Sousa Silva; RUBIM, Braz da Costa. Parecer sobre a pretensão do Sr. Conde de La Hure. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XXVIII, p. 314-315, 1865. e-ISSN: 2526-1347.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*. Paris : Grimbert et dorez. 1830.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. *Tempo Brasileiro, Anuário Antropológico*, n. 93, p. 175-203, 1995. ISSN-e: 0102-4302.

TRIGGER, Bruce Graham. *História do Pensamento Arqueológico*. São Paulo: Editora Odysseus, 2004. ISBN: 85-88023-57-1.

TORRES, João Camilo de Oliveira. *O positivismo no Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados. 2018. ISBN: 978-85-402-0554-3.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. 50ª Sessão em 31 de outubro de 1840. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 3ª Edição (1916), tomo II. p. 536-541, 1840. e-ISSN: 2526-1347.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Ethnographia Indigena, Linguas, Emigrações, e Archaeologia. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo V, v. 12. p. 366-376. 1849. e-ISSN: 2526-1347.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Historia Geral do Brazil – Antes da sua separação e independência de Portugal. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, 2ª Edição (1877), tomo I, p. 604, 1854. e-ISSN: 2526-1347.

VIEIRA, Marina Cavalcante. A Exposição Antropológica Brasileira de 1882 e a exibição de índios botocudos: performances de primeiro contato em um caso de zoológico humano brasileiro. *Horizontes Antropológicos*, v. 25 n. 53, p. 317-357, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000100012>.

WIENER, Charles. Estudos sobre os Sambaquis do Sul do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, v. I – 3, p. 1-22, 1875.

Recebido em: 17/01/2023

Aprovado em: 23/03/2023

Publicado em: 14/06/2023